

Sopa de linguiça

Que banquete nos ofereceram ontem no palácio! — disse uma rata idosa a outra rata que não tivera a oportunidade de comparecer ao festim da corte. Eu estava sentada na vigésima primeira posição, contando a partir do nosso velho rei dos ratos, o que não é nada mau! E que coisas não foram servidas à mesa! Pão mofado, casca de presunto, velas de sebo, linguiça — e depois tudo recomeçava. Havia tanta comida que foi como se tivéssemos comido dois almoços! E que maravilhoso era o humor de todos, quão descontraída era a conversa, se você soubesse! O ambiente era dos mais caseiros. Roemos tudo até não sobrar nada, exceto as varinhas de linguiça — aquelas em que se frita a linguiça; foi justamente sobre elas que depois se falou, e alguém de repente lembrou-se da sopa de varinha de linguiça. Resultou que todos já tinham ouvido falar dessa sopa, mas ninguém jamais a provou, muito menos a preparou por conta própria. Então foi proposto um brinde esplêndido à rata que conseguisse cozinhar uma sopa de varinha de linguiça, pois assim poderia tornar-se diretora do asilo para pobres. Ora, diga lá, não foi isso uma ideia engenhosa? E o velho rei dos ratos levantou-se de seu trono e declarou em voz alta que faria rainha a jovem rata que preparasse a sopa de varinha de linguiça mais saborosa. Ele fixou o prazo: um ano e um dia.

— Bem, o prazo é suficiente — disse a outra rata. — Mas como se prepara essa tal sopa, hein?

Sim, como se prepara? Todos os ratos perguntavam isso, jovens e idosos. Cada uma gostaria de virar rainha, mas nenhuma tinha vontade de vagar pelo mundo inteiro para descobrir como se faz essa sopa. Sem isso não há como: ficando em casa, ninguém inventa a receita. Contudo, nem toda rata pode deixar sua família e seu cantinho natal; além disso, viver em terra estranha não é tão doce: ali não se prova casca de queijo, não se cheira casca de presunto, às vezes é preciso passar fome, e, quem sabe, até cair nas garras de um gato.

Muitas candidatas a rainhas ficaram tão perturbadas com todas essas reflexões que preferiram ficar em casa, e apenas quatro ratas, jovens e ágeis, porém pobres, começaram a preparar-se para a partida. Cada uma escolheu para si uma das quatro direções do mundo — talvez pelo menos uma tivesse sorte —, e cada uma levou consigo uma varinha de linguiça, para não esquecer durante a viagem o objetivo da jornada; além disso, a varinha podia substituir o cajado de viajante.

No início de maio elas partiram e, no maio do ano seguinte, retornaram, mas não todas, apenas três; da quarta não houve notícia alguma, e o prazo marcado já se aproximava.

— Em qualquer barril de mel sempre se encontra uma gota de alcatrão — disse o rei dos ratos, mas mesmo assim ordenou que convocassem os ratos de toda a região.

Ordenou-lhes que se reunissem na cozinha real; ali também, separadas das demais, estavam lado a lado as três ratas viajantes, e no lugar da desaparecida os cortesãos colocaram uma varinha de linguça envolta em crepe negro. Ordenou-se a todos os presentes que permanecessem em silêncio até que as viajantes falassem e o rei dos ratos anunciasse sua decisão.

Bem, agora vamos ouvir.

2. O QUE VIU E O QUE APRENDEU A PRIMEIRA RATA DURANTE SUA VIAGEM

— Quando parti para vagar pelo mundo — começou a ratinha —, eu, como muitas das minhas companheiras da mesma idade, imaginava que já havia mastigado e engolido toda a sabedoria terrestre. Mas a vida mostrou-me que eu estava terrivelmente enganada, e foi necessário um ano inteiro e um dia para compreender a verdade. Dirigi-me para o norte e primeiro viajei por mar num grande navio. Diziam-me que os cozinheiros de bordo devem ser inventivos, contudo, ao nosso cozinheiro, aparentemente, não havia necessidade alguma disso: os porões do navio abarrotavam de toucinho, carne salgada e excelente farinha mofada. Vivi maravilhosamente bem, nada a dizer. Mas julguem vocês mesmas — poderia eu ali aprender a fazer sopa de varinha de linguça? Muitos dias e noites navegamos sem parar, balançados e atingidos pelas ondas; mas finalmente o navio chegou a um distante porto setentrional, e eu desembarquei.

Ah, como tudo isso é estranho: partir do próprio cantinho, embarcar num navio que logo se torna para ti o próprio cantinho, e de repente encontrar-se a centenas de milhas da pátria, num país completamente desconhecido! Cercaram-me florestas densas, de pinheiros e bétulas, e que cheiro horrível elas exalavam! Insuportável! As ervas silvestres emanavam um aroma tão picante que eu espirrava sem parar e pensava em linguça. E os enormes lagos da floresta! Aproximas-te da água — ela parece transparente como cristal; afastas-te um pouco — e eis que já está escura como tinta. Nos lagos nadavam cisnes brancos; mantinham-se sobre a água tão imóveis que inicialmente os tomei por espuma, mas depois, vendo-os voar e caminhar, compreendi imediatamente que eram aves; afinal, pertencem à linhagem dos gansos, nota-se pelo andar, e ninguém renega sua própria parentela! Apressei-me então a buscar minha própria família — os ratos da floresta e do

campo, embora, para dizer a verdade, pouco entendam de banquetes, e foi justamente por causa disso que viajei para terras estrangeiras. Quando aqui souberam que de uma varinha de linguça se pode fazer sopa — e a conversa sobre isso correu por toda a floresta —, a todos pareceu impossível; ora, como eu poderia saber que naquela mesma noite seria iniciada no segredo da sopa de varinha de linguça?

Eis que alguns elfos aproximaram-se de mim, e o mais nobre deles, apontando para minha varinha de linguça, disse:

«Isso é exatamente o que precisamos. A ponta está afiada perfeitamente!»

E quanto mais ele olhava para meu cajado de viagem, mais se encantava com ele.

«Talvez eu possa emprestá-la a vocês por algum tempo, mas não para sempre», disse eu.

«Claro que não para sempre, apenas por algum tempo!» gritaram todos, arrancaram-me a varinha de linguça e saíram dançando com ela diretamente para o lugar onde verdejava o musgo tenro; ali a instalaram. Os elfos, aparentemente, também queriam ter seu mastro de maio, e minha varinha de linguça serviu-lhes tão bem como se fosse feita sob encomenda. Imediatamente começaram a enfeitá-la e adornaram-na magnificamente. Que espetáculo, devo dizer-lhes!

Aranhas minúsculas envolveram o mastro com fios dourados e o decoraram com bandeiras ondulantes e tecidos transparentes. O tecido era tão fino e, à luz da lua, brilhava com tal brancura ofuscante que meus olhos ficaram turvos. Depois os elfos recolheram pólen colorido das asas das borboletas e polvilharam-no sobre o tecido branco, e naquele instante milhares de flores e diamantes cintilaram sobre ele. Agora minha varinha de linguça estava irreconhecível — outro mastro de maio como aquele, provavelmente, não havia em todo o mundo!

Então, como se brotasse da terra, surgiu uma multidão incontável de elfos. Não vestiam roupa alguma, mas pareciam-me ainda mais belos do que os mais ricamente vestidos. Também fui convidada a contemplar toda aquela magnificência, mas apenas de longe, porque sou grande demais.

«Exatamente como acabamos de fazer», disse sorrindo o elfo mais nobre. «Tu mesma viste tudo, mas dificilmente reconhecerias tua própria varinha de linguça».

«Ah, é disso que estão falando», pensei, e contei-lhes tudo claramente: por que partira em viagem e o que esperavam de mim em minha terra natal.

«Digam-me», concluí meu relato, «de que proveito será para o rei dos ratos e para todo o nosso grande reino o fato de eu ter visto todas essas maravilhas? Pois não posso sacudi-las da varinha de linguixa e dizer: 'Eis a varinha, eis a sopa!' Com tal prato ninguém se sacia, salvo talvez após o almoço».

Então o elfo passou seu dedinho minúsculo pelas pétalas de uma violeta azul, depois tocou na varinha de linguixa e disse:

«Olha! Eu toco nela, e quando retornares ao palácio do rei dos ratos, toca com este teu cajado de viagem no peito quente do rei — e imediatamente florescerão violetas no cajado, mesmo que lá fora reine o frio mais rigoroso. Assim, não voltarás para casa de mãos vazias. E eis aqui algo mais para ti».

Mas antes que a ratinha mostrasse esse «algo mais», ela tocou com a varinha no peito quente do rei dos ratos — e realmente, no mesmo instante, cresceu na varinha um lindo buquê de violetas. Elas exalavam tal fragrância que o rei dos ratos ordenou a vários ratos, que estavam mais próximos da lareira, que metessem suas caudas no fogo, para perfumar o cômodo com pelo queimado: pois os ratos não gostam do cheiro de violetas, para seu olfato delicado ele é insuportável.

— E que mais te deu o elfo? — perguntou o rei dos ratos.

— Ah — respondeu a pequena rata —, simplesmente ele me ensinou um truque.

Nisso ela girou a varinha de linguixa — e todas as flores

desapareceram instantaneamente. Agora o ratinho segurava na pata uma simples varinha e, erguendo-a sobre a cabeça como um maestro, dizia:

— «As violetas deleitam nossa visão, nosso olfato e nosso tato — disse o elfo —, mas ainda restam o paladar e a audição».

O ratinho começou a reger, e no mesmo instante ouviu-se música, porém totalmente diferente daquela que soava na floresta durante a festa dos elfos: essa música imediatamente fez todos se lembrarem dos ruídos de uma cozinha comum. Que concerto, isso sim! Começou de repente — como se o vento de súbito uivasse em todas as chaminés ao mesmo tempo; em todas as caldeiras e panelas a água de repente entrou em ebulição e, chiando, transbordou, enquanto o atiçador batia contra a caldeira de cobre. Depois, tão repentinamente quanto começara, fez-se silêncio: ouvia-se apenas o murmúrio surdo da chaleira, tão estranho que era impossível entender se ela estava fervendo ou se acabara de ser colocada no fogo. Na pequena panela a água borbulhava, e na grande também, — e ambas borbulhavam sem prestar a mínima atenção uma à outra, como se enlouquecessem. E o ratinho agitava sua varinha cada vez mais rápido. A água nas

caldeiras borbulhava, chiava e espumava, o vento uivava selvagememente, e a chaminé ressoava: u-u-u! O ratinho ficou com tanto medo que até deixou cair a varinha.

— Eis aí uma sopa! — exclamou o rei dos ratos. — E o que teremos no segundo prato?

— Isso é tudo — respondeu o ratinho, fazendo uma reverência.

— Pois então basta — decidiu o rei dos ratos. — Ouçamos agora o que dirá o segundo ratinho.

3. O QUE CONTOU O SEGUNDO RATINHO

— Nasci na biblioteca do palácio — começou o segundo ratinho. — Nem eu nem toda a minha família conseguimos, em toda a vida, entrar sequer uma vez na sala de jantar, quanto mais na despensa. Vi a cozinha pela primeira vez apenas durante minha viagem, e agora novamente, neste momento. Para falar a verdade, na biblioteca frequentemente passávamos fome, mas em compensação adquirimos grandes conhecimentos. E quando chegaram até nós os rumores sobre a recompensa real por uma sopa feita de uma linguiça em forma de varinha, minha velha avó encontrou um manuscrito. Ela mesma, é verdade, não conseguia ler esse manuscrito, mas ouviu outros lendo-o e decorou a seguinte frase: «Se és poeta, saberás cozinhar sopa até mesmo de uma linguiça em forma de varinha». Minha avó perguntou-me se eu possuía dom poético. Eu nada sabia a respeito de mim mesma, mas a avó afirmou que eu absolutamente deveria tornar-me poetisa. Então perguntei o que era necessário para isso — pois tornar-me poetisa não me parecia mais fácil do que cozinhar sopa de uma linguiça em forma de varinha. Minha avó ouvira ao longo de sua vida inúmeros livros e disse que para isso são necessárias três coisas: inteligência, imaginação e sensibilidade.

«Obtém tudo isso e tornar-te-ás poetisa — concluiu ela —, e então certamente cozinharás sopa até mesmo de uma linguiça em forma de varinha».

Assim, parti para o oeste e comecei a vagar pelo mundo para tornar-me poetisa.

Eu sabia que, em qualquer empreendimento, a inteligência é o mais importante, enquanto a imaginação e a sensibilidade têm apenas significado secundário; portanto, antes de tudo decidi adquirir inteligência. Mas onde procurá-la? «Vai até a formiga e aprende com ela sabedoria», — disse o grande rei judeu; disso eu já ouvira falar ainda na biblioteca; não parei em lugar algum até finalmente chegar a um grande formigueiro. Ali me escondi e comecei a absorver sabedoria.

Que povo respeitável são essas formigas, e quão sábias elas são! Tudo nelas é calculado até o mínimo detalhe. «Trabalhar e pôr ovos — dizem as formigas — significa viver no presente e cuidar do futuro», — e elas agem exatamente assim. Todas as formigas dividem-se em nobres e operárias. A posição de cada uma na sociedade é determinada pelo seu número. A rainha das formigas tem o número um, e todas as formigas são obrigadas a concordar com sua opinião, pois ela há muito tempo engoliu toda a sabedoria terrestre. Para mim foi muito importante saber disso. A rainha falava tanto e com tanta inteligência que seus discursos até me pareciam excessivamente complicados. Ela afirmava, por exemplo, que em todo o mundo não havia nada superior ao seu formigueiro, embora justamente ali, ao lado dele, houvesse uma árvore muito mais alta; isso, é claro, ninguém podia negar, de modo que restava apenas calar-se. Certa vez, à noite, uma formiga subiu muito alto pelo tronco e perdeu-se naquela árvore; é verdade que não chegou ao topo, mas subiu mais alto do que jamais subira qualquer outra formiga. E quando retornou para casa e começou a contar que no mundo existia algo ainda mais elevado que seu formigueiro, as demais formigas consideraram suas palavras ofensivas para toda a espécie formiga e condenaram o atrevido a usar focinheira e a longo encarceramento solitário. Pouco depois, outra formiga subiu na árvore, realizou a mesma viagem e também relatou sua descoberta, porém de maneira mais cautelosa e algo indefinida; e porque era uma formiga muito respeitada, além de pertencer às nobres, acreditaram nela, e quando morreu, erigiram-lhe um monumento feito de casca de ovo — em sinal de respeito à ciência.

— Frequentemente tive oportunidade de ver — continuou o ratinho — como as formigas carregam ovos nas costas. Certa vez, uma formiga deixou cair um ovo e, por mais que tentasse levantá-lo, nada conseguiu. Chegaram duas outras formigas e, sem poupar esforços, começaram a ajudá-la. Mas quase deixaram cair suas próprias cargas e, quando perceberam, abandonaram a companheira em dificuldade e fugiram, pois afinal o bem próprio é sempre mais valioso para cada um do que o alheio. A rainha das formigas viu nisso mais uma prova de que as formigas possuem não apenas coração, mas também inteligência. «Ambas essas qualidades colocam-nos, formigas, acima de todos os seres racionais — disse ela. — A inteligência, contudo, ocupa o primeiro lugar, e eu sou dotada dela mais do que todas!» Com essas palavras, a rainha ergueu-se majestosamente sobre as patas traseiras, e eu a engoli; ela difere tanto das demais que era impossível errar. «Vai até a formiga e aprende com ela sabedoria!» — e eu absorvi a sabedoria juntamente com a própria rainha.

Depois aproximei-me da grande árvore que crescia junto ao formigueiro. Era um carvalho alto e frondoso, decerto muito antigo. Eu sabia que nele vivia uma mulher chamada driade. Ela nasce, vive e morre juntamente com a árvore. Disso eu já

ouvira falar ainda na biblioteca, e agora vi com meus próprios olhos a donzela da floresta. Ao notar-me, a dríade deu um grito alto: como todas as mulheres, ela tinha muito medo de nós, ratos; mas ela tinha razões muito mais fortes para isso do que outras: pois eu poderia roer as raízes da árvore das quais dependia sua vida. Falei com ela de modo gentil e amável e a tranquilizei, e ela me colocou sobre sua mão delicada. Sabendo por que eu havia partido para vagar pelo mundo, sugeriu-me que talvez naquela mesma noite eu pudesse obter um daqueles dois tesouros que ainda me faltava encontrar. A dríade explicou que o espírito da fantasia era seu bom amigo, que ele era belo como o deus do amor e descansava longamente sob a sombra dos galhos verdes, e então os galhos sussurravam sobre eles mais alto do que de costume. Ele a chamava de sua dríade predileta, dizia ela, e seu carvalho era sua árvore predileta. Esse carvalho nodoso, poderoso e magnífico agradava-lhe muito. Suas raízes penetram profundamente na terra, enquanto seu tronco e seu topo elevam-se altos rumo ao céu; ele conhece tanto as tempestades de neve frias quanto os ventos impetuosos e os raios ardentes do sol.

«Sim — continuou a dríade —, lá no topo do carvalho cantam os pássaros e contam sobre países distantes. Apenas um galho neste carvalho secou, e nele uma cegonha fez seu ninho. Isso é muito bonito, e além disso pode-se ouvir os relatos da cegonha sobre a terra das pirâmides. Tudo isso agrada muito ao espírito da fantasia, e às vezes eu mesma lhe conto sobre a vida na floresta: sobre o tempo em que eu era ainda muito pequena e minha arvorezinha mal se erguia acima do solo, de modo que até as urtigas lhe ocultavam o sol, e sobre tudo o que aconteceu desde então até hoje, quando o carvalho cresceu e se fortaleceu. E agora escuta-me: esconde-te sob a erva-dos-periquitos e fica bem atenta. Quando aparecer o espírito da fantasia, eu, na primeira oportunidade, arrancarei uma peninha de sua asa. E tu recolherás essa pena — não existe melhor para nenhum poeta! E nada mais precisarás».

— O espírito da fantasia apareceu, a pena foi arrancada, e eu a obtive — continuou o ratinho. — Tive de mergulhá-la na água e mantê-la ali até que amolecasse, e então a roí, embora não fosse muito digerível. Sim, não é fácil nos dias de hoje tornar-se poeta; primeiro é preciso digerir muitas coisas. Agora eu adquiri não apenas inteligência, mas também imaginação, e com elas já nada me

bastava encontrar o sentimento em nossa própria biblioteca. Lá ouvi um grande homem dizer que existem romances cuja única finalidade é poupar as pessoas de lágrimas desnecessárias. São uma espécie de esponja que absorve os sentimentos. Lembrei-me de alguns livros assim. Eles sempre me pareciam especialmente apetitosos, porque estavam tão lidos e engordurados que, provavelmente, haviam absorvido um mar inteiro de sentimentos.

Ao retornar à pátria, fui para casa, para a biblioteca, e imediatamente peguei um grande romance — ou melhor, sua polpa, ou, por assim dizer, sua essência; quanto à casca, isto é, a encadernação, não a toquei. Quando digeri esse romance e depois mais outro, de repente senti que algo se mexia dentro de mim. Então comi mais um pedacinho do terceiro romance — e tornei-me poetisa. Foi exatamente isso que disse a todos. Comecei a ter dores de cabeça, cólicas no ventre — enfim, doía em todo o meu corpo! Então passei a imaginar: o que poderia contar sobre uma linguixa? E imediatamente minha cabeça começou a girar com uma multidão de toda sorte de linguixas — sim, a rainha das formigas, ao que parece, tinha uma inteligência extraordinária! Primeiro, sem mais nem menos, lembrei-me do homem que, colocando uma varinha mágica na boca, tornava-se invisível; depois lembrei da varinha de condão, depois do ditado "a felicidade não é uma vara, não se pode segurá-la nas mãos"; depois — que "toda vara tem duas pontas"; finalmente, de tudo o que temo "como um cão teme a vara", e até da "disciplina da vara"! Assim, todos os meus pensamentos concentraram-se em toda sorte de varas e varinhas. Se és poeta, então sabe cantar até mesmo uma simples vara! Pois agora sou poetisa, e não pior que outras. De hoje em diante, poderei todos os dias oferecer-lhes uma história sobre alguma varinha — este é o meu caldo!

— Ouçamos a terceira — disse o rei dos ratos.

— Pi-i, pi-i! — ouviu-se atrás da porta, e na cozinha entrou como uma flecha um pequeno rato, o quarto da fila — justamente aquele que todos consideravam perdido. Na pressa, derrubou a linguixa envolta em crepe preto. Correu dia e noite, viajou de trem de carga, no qual mal conseguiu subir, e mesmo assim quase se atrasou. No caminho, perdeu sua linguixa, mas conservou a língua, e agora, toda desgrenhada, abriu caminho à força e imediatamente começou a falar, como se só a ela estivessem esperando, como se só a ela quisessem ouvir, como se o mundo inteiro dependesse apenas dela. Tagarelava sem parar e apareceu de modo tão inesperado que ninguém conseguiu detê-la a tempo, e o rato conseguiu falar até o fim. Pois bem, ouçamos também nós.

4. O QUE CONTOU O QUARTO RATO, QUE FALOU DEPOIS DO SEGUNDO

— Dirigi-me imediatamente para uma cidade enorme. Como se chama, aliás, não me lembro: tenho má memória para nomes. Direto da estação, junto com mercadorias confiscadas, fui levada à prefeitura da cidade, e dali corri para o carcereiro. Ele contou muito sobre os prisioneiros, especialmente sobre um deles, que havia ido parar na prisão por palavras ditas imprudentemente. Armaram um processo estrondoso, mas, no geral, não valia a pena de um ovo quebrado. "Toda essa história é simplesmente um caldo de linguixa", declarou o carcereiro, "mas por esse caldo o pobre coitado, quem sabe, terá de pagar com a cabeça".

Compreensivelmente, interessei-me pelo prisioneiro e, aproveitando um momento, deslizei para dentro de sua cela: pois não há no mundo porta trancada debaixo da qual não se encontre uma fresta para um rato. O preso tinha olhos grandes e brilhantes, rosto pálido e longa barba. A lâmpada fumegava, mas as paredes já estavam acostumadas a isso e não podiam ficar mais negras. O prisioneiro riscava nas paredes desenhos e versos, branco sobre preto, mas eu não os examinei. Ele, evidentemente, estava entediado, e eu era para ele uma visita desejada, por isso me atraía com migalhas de pão, assobiava e me dizia palavras carinhosas. Devia estar muito contente comigo, e eu senti inclinação por ele, e rapidamente nos tornamos amigos. Ele dividia comigo pão e água, alimentava-me com queijo e linguiça — em suma, vivia magnificamente ali, mas o mais agradável de tudo era que ele me amava muito. Permitia que eu corresse por suas mãos, até mesmo entrasse nas mangas e escalasse sua barba; chamava-me de sua pequena amiga. E eu também o amei muito, pois o verdadeiro amor deve ser recíproco. Esqueci por que havia partido para vagar pelo mundo, esqueci também minha linguiça em alguma fresta — provavelmente ela ainda está lá até hoje. Decidi não abandonar meu novo amigo: pois se eu o deixasse, o pobre não teria ninguém no mundo, e isso ele não suportaria. Contudo, eu permaneci, mas ele não permaneceu. Quando nos vimos pela última vez, ele parecia tão triste, deu-me uma porção dupla de pão e cascas de queijo e enviou-me um beijo no ar como despedida. Ele partiu — e não voltou. Nada mais consegui saber sobre ele.

Lembrei-me das palavras do carcereiro: "Armaram um caldo de linguiça". Ele primeiro também me atraiu para si e depois me colocou numa gaiola que girava como uma roda. Isso é simplesmente terrível! Corres e corres, mas não saís do lugar, e todos zombam de ti.

Mas o carcereiro tinha uma netinha encantadora, com cachos dourados, olhos brilhantes e uma bocinha sempre risonha.

— Pobre ratinho — disse ela certo dia, espiando minha odiosa gaiola; depois afastou o ferrolho de ferro — e eu imediatamente saltei para o parapeito da janela, e dele pulei para a calha. "Livre, livre, novamente livre!" — exultei e até esqueci, de alegria, por que havia corrido até ali.

No entanto, escurecia, a noite se aproximava. Instalei-me para pernoitar numa torre antiga, onde moravam o vigia e a coruja. No início, receei um pouco por eles, especialmente pela coruja — ela se parece muito com um gato e, além disso, tem um grande defeito: assim como o gato, come ratos. Mas quem de nós não erra! Desta vez errei também eu. A coruja revelou-se uma pessoa muito respeitável e instruída. Muitas coisas vira em sua longa vida, sabia mais que o vigia e quase tanto quanto eu. Seus filhotes de coruja levavam qualquer ninharia demasiado a

sério. "Não façam caldo de linguiça", admoestava-os nesses casos a velha coruja, "não façam barulho por ninharias" — e não os repreendia mais! Era uma mãe muito terna. E imediatamente senti por ela tanta confiança que até guinchei de minha fresta. Isso a lisonjeou muito, e ela prometeu-me sua proteção. Não permitiria que nenhum animal me comesse, disse ela, e preferiria fazê-lo ela mesma, mais perto do inverno, quando não houvesse mais nada para comer.

A coruja era muito inteligente. Ela, por exemplo, provou-me que o vigia não poderia tocar sua trombeta se não tivesse o chifre que lhe pendia na cintura. E ele ainda se arvora em importante e imagina que não é pior que a coruja! Mas que se pode esperar dele! Carrega água num peneira! Caldo de linguiça!... Foi então que lhe pedi que me dissesse como se prepara esse caldo. E a coruja explicou: "Caldo de linguiça é apenas um provérbio; cada um o entende à sua maneira, e cada um pensa que tem razão. Mas, se examinarmos bem tudo, verifica-se que não existe caldo algum". — "Como não existe?" — admirei-me. Que novidade! Sim, a verdade nem sempre é agradável, mas está acima de tudo. Foi exatamente isso que disse também a velha coruja. Pensei, pensei e compreendi que, se levasse para casa o que há de mais elevado no mundo, isto é, a verdade, isso seria muito mais valioso do que qualquer caldo. E apressei-me para casa, a fim de lhes oferecer o mais rápido possível o que há de mais elevado e melhor — a verdade. Os ratos são um povo instruído, e o rei dos ratos é mais instruído que todos os seus súditos. E ele pode fazer-me rainha em nome da verdade.

— Tua verdade é mentira! — exclamou a rata que ainda não havia falado. — Eu posso preparar esse caldo, e prepararei!

5. COMO PREPARARAM O CALDO...

— Não viajei para lugar nenhum — disse a terceira rata. — Permaneci na pátria — isso é mais seguro. Não há necessidade de vaguear pelo mundo quando tudo se pode obter em casa. E eu permaneci! Não me associei a toda sorte de imundície para aprender a fazer caldo, não engoli formigas nem importunei corujas. Não, cheguei a tudo sozinha, com minha própria inteligência. Por favor, coloquem a panela no fogão. Assim! Encham-na de água, bem cheia. Ótimo! Agora acendam o fogo, bem forte. Muito bom! Deixem a água ferver, borbulhar em ebulição branca! Joguem na panela a linguiça... Não

Vossa Majestade se dignaria agora a mergulhar sua cauda real na água fervente e mexer levemente a sopa com ela? Quanto mais tempo o senhor mexer, mais saboroso ficará o caldo — pois é muito simples. E não são necessários temperos — basta ficar sentado e mexer com a caudinha! Assim mesmo!

— Não seria possível encarregar disso outra pessoa? — perguntou o rei dos ratos.

— Não — respondeu a camundonga —, de modo algum. Pois toda a força está na cauda real!

E então a água começou a ferver, e o rei dos ratos acomodou-se junto à panela e esticou a cauda — assim como os ratos costumam retirar a nata do leite. Mas assim que o vapor quente tocou a cauda real, o rei pulou imediatamente para o chão.

— Ora, serás rainha! — disse ele. — Quanto à sopa, vamos esperar até nossas bodas de ouro. Como ficarão felizes os pobres em meu reino! Mas tudo bem, que por enquanto esperem e lambam os beijos; terão tempo de sobra para isso.

Celebraram o casamento, mas muitos ratos, no caminho de volta para casa, resmungavam:

— Ora, isto lá é sopa feita com um pedaço de salsicha? Isto parece mais sopa de cauda de rato!

Achavam que certos detalhes da história contada pelos três ratos haviam sido, em geral, bem transmitidos, mas, talvez, tudo deveria ter sido contado de maneira completamente diferente. "Nós", diziam eles, "contaríamos assim e assado".

Contudo, isso é crítica, e sabe-se que o crítico sempre é sábio depois do fato consumado.

Esta história percorreu o mundo inteiro, e as opiniões sobre ela dividiram-se; mas ela própria, por causa disso, nem um pouco se alterou. Ela é fiel em todos os detalhes, do início ao fim, incluindo o pedaço de salsicha. Só que é melhor não esperar gratidão pelo conto; mesmo assim, nunca a receberás!